



# Porto expõe as marcas do tempo em que o vinho pagava imposto literário

Jorge Marmelo

Exposição *Marcas do Vinho no Porto* é a mais vista de todas as que estão patentes em espaços municipais. No final de Setembro já tinha recebido 13 mil visitantes

● Sabe acaso vossa excelência, caro leitor, estimada leitora, quantos centilitros perfazem um quartilho? Caso a resposta à pergunta anterior seja afirmativa, é possível garantir, sem medo de errar, que não tem como recordar-se de qual era o “subsídio literário” que, no século XVIII, pagava cada quartilho de litro comercializado na região demarcada do Douro.

A existência deste imposto é uma das curiosidades que se fica a conhecer quando se visita a exposição *Marcas do Vinho no Porto*, patente na Casa do Infante, no centro histórico, desde o início do último Verão. Por ali já tinham passado, no final de Setembro, mais de 13 mil visitantes, sendo a exposição mais vista entre todas as organizadas em espaços municipais. E a existência do tal imposto “literário” sobre os quartilhos de pinga não passaria de uma curiosidade, se essa contribuição não tivesse, afinal, servido para financiar um vasto conjunto de obras públicas que, a partir do século XVIII, mudaram indelevelmente a face da cidade do Porto.

Um dos edifícios emblemáticos pagos com fundos provenientes do “subsídio literário” foi o da Academia Real da Marinha e do Comércio, o qual veio, depois, a ser a Faculdade de Ciências e é agora a sede da Reitoria da Universidade do Porto, na praça que, tendo embora o nome de Gomes Teixeira, é comumente designada como Praça dos Leões.

Este é, contudo, apenas um dos

exemplos de obras públicas feitas na cidade e cujo financiamento saiu de vários impostos que incidiam sobre o comércio do vinho. Ruas como as do Almada, de Santa Catarina ou da Boavista, praças como a da República ou o Largo de S. Domingos, chafarizes e aquedutos, ou estruturas defensivas como a Muralha Fernandina e o Forte de S. João da Foz foram pagas ou mantidas com recurso aos vários “subsídios” do vinho, mesmo quando, como sucedeu com o “subsídio militar da décima”, se destinavam a outras finalidades (no caso, a armar o país contra uma eventual invasão espanhola) e acabaram por reverter a favor do desenvolvimento da cidade.

Sendo variadas as marcas arqui-

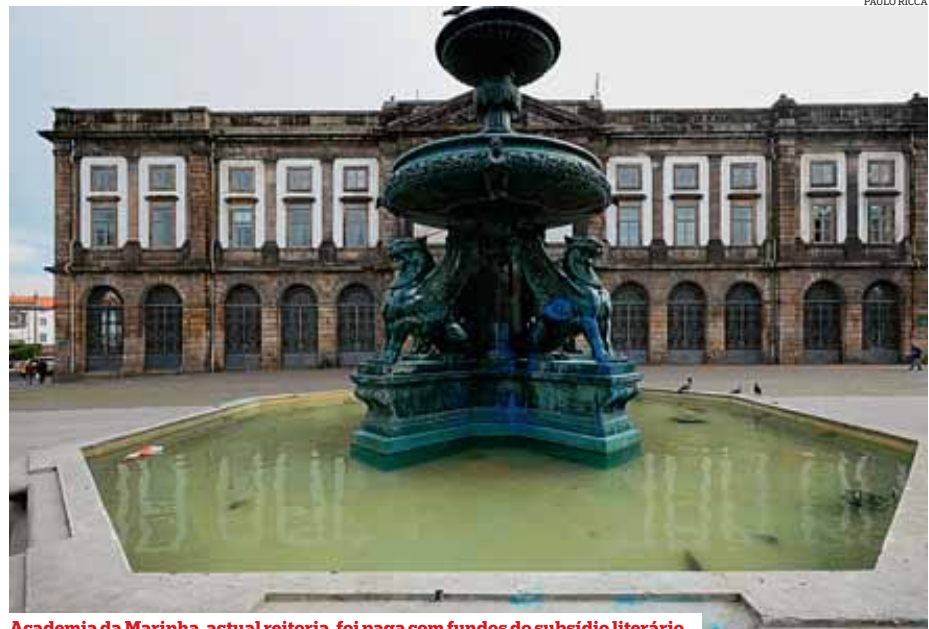


tectónicas e urbanísticas que o vinho imprimiu na cidade, o comércio dos vinhos influenciou também a sociedade portuense, mudando até os seus hábitos. A ligação dos ingleses ao negócio acabou, por exemplo, por introduzir o culto pelos “sports”, como o ténis e o críquete, e fomentou a adopção do estilo neopalladiano em muitos edifícios importantes da cidade.

A exposição *Marcas do Vinho no*

*Porto*, que estará patente até ao próximo dia 23, aborda também a importância do vinho para a projecção internacional da cidade, sendo complementada pela edição de uma Rota Urbana do Vinho - um percurso por 23 locais particularmente significativos da ligação da cidade ao chamado “nectar dos deuses” e que ficará doravante disponível para os turistas que visitem o Porto (também disponível em [www.visitporto.travel](http://www.visitporto.travel)).

Integrada nas comemorações do segundo centenário do nascimento de D. Antónia Adelaide Ferreira, a mítica Ferreirinha, a exposição deu também origem ao livro *Marcas do Vinho no Porto*, publicado em edição bilingue pela Editora Calendário das Letras.



Academia da Marinha, actual reitoria, foi paga com fundos do subsídio literário

PAULO RICCA